

A Anestesiologia e a Pandemia

Anesthesiology and Pandemic

<https://dx.doi.org/10.25751/rspa.20521>

Sou anestesiolegista e intensivista. Sou também docente e investigadora. Ser médica faz parte de mim, exerço medicina não como uma profissão, mas como uma forma de estar na vida, uma forma de ser. Sinto que o exercício da medicina, tratar dos doentes que me são confiados, é uma missão de vida. Estou desde sempre em exclusividade no Serviço Nacional de Saúde (SNS). O SNS, cuja conquista não deveria nunca ser esquecida. O mesmo SNS que agora, apesar de esvaziado e abandonado por sucessivos governos, no meio da crise provocada pela pandemia, é o amparo de todos quantos ficam doentes, e é justamente enaltecido, pela prova que deu de estar à altura de responder às necessidades do povo português, o meu povo de que tanto me orgulho (desde sempre, não só desde a pandemia). Espero que o “assalto” que vinha a ser perpetrado ao SNS, por parte de *lobbys* com interesses puramente económicos, possa sofrer um fortíssimo revés. Não gosto muito que nos considerem “heróis”, acho que somos (médicos, enfermeiros e restantes profissionais de saúde) profissionais responsáveis, que cumprimos com a nossa obrigação, e isso sim, muito agradeceríamos se nos tratassem com o respeito que o exercício das nossas profissões requer, e nos remunerassem de acordo, e não com os salários escandalosamente baixos que os meus colegas mais novos e os enfermeiros e os auxiliares recebem.



Vivi o pico da pandemia, e continuo a viver, como todos nós: com apreensão, com incerteza, com medo, mas com responsabilidade e coragem também, na certeza de que estamos a fazer o que é necessário e, de que, no fim, conseguiremos sair da crise, com muitos estragos, é certo, mas também com muitas lições e a clarificação de muitas dúvidas. Uma das clarificações que logo surgiu foi a do papel dos anestesiolegistas no panorama da medicina em geral, e da medicina intensiva em particular. Sabemos todos hoje, quer a nível nacional quer a nível internacional, que a resposta positiva que foi dada à pandemia teve um contributo inigualável e inexcédível da anestesiologia. Sem os anestesiolegistas, muitas das unidades de cuidados intensivos teriam colapsado, a nível nacional e internacional. Não sou eu que o digo, são as sociedades e organizações responsáveis que o constatarem. Assim sendo, penso que é mais do que altura de tornar claro, o que para muitos já o era: a especialidade de medicina intensiva não pode encerrar as suas portas à admissão de especialistas de outras áreas que queiram continuar a obter a especialidade pela denominada “via clássica”, ou seja, a via que permite a um anestesiolegista, internista, pneumologista ou outro especialista afim, obter a especialidade de medicina intensiva. São inúmeras as razões, mas a maior de todas é que a abordagem do doente crítico é mais eficaz em ambiente de multidisciplinidade, dada a sua complexidade. Os saberes nunca se atrapalham, os saberes completam-se e acrescentam-se, e isso, só traz benefício para o tratamento dos doentes. Ignorar uma evidência tão simples é enterrar a cabeça na areia e fazer prolongar, não só uma injustiça, mas também privar os doentes dessa multidisciplinidade que vão necessitar para o seu tratamento, para que ultrapassem a doença da melhor forma. Tenho a secreta esperança de que outra das lições da pandemia seja a de que não devemos actuar sozinhos, precisamos uns dos outros, e quanto mais unidos estivermos, mais eficazes seremos.

Este número da Revista da SPA é inteiramente dedicado ao tema da pandemia por COVID-19. Inicialmente, no pico da pandemia, estávamos tão assoberbados de trabalho e de incertezas, que pensamos que não ia ser possível fazer sair o número de Junho. À medida que o tempo passava, apercebemo-nos de que talvez fosse possível fazer

sair um número dedicado só à pandemia. Assim foi, e como sempre, a resposta dos anestesiólogos não se fez esperar. Muito obrigada a todos os que, no meio da pandemia, conseguiram ainda produzir um artigo para esta publicação.

Dos vários contributos que nos chegaram gostava de destacar os seguintes, sem menosprezar os que aqui não são citados: começaria por destacar o inquérito efectuado no âmbito da SPA, da autoria de Joana Pedreira e colaboradores, intitulado *“Resposta da Anestesiologia Portuguesa à Pandemia por COVID-19”* que nos revelou que *“a maioria dos especialistas (67%) alteraram total ou parcialmente as suas funções habituais, tendo sido alocados principalmente ao Bloco Operatório (82%), Cuidados Pós-anestésicos (39%) e Cuidados Intensivos (27%). Também a maioria dos inquiridos reconhece que o Serviço de Anestesiologia a que pertence desenvolveu um plano de contingência e contribuiu para o plano de contingência da Instituição. Cerca de um terço refere que os anestesiólogos passaram a assegurar a Sala de Emergência em exclusividade, e 41% refere a conversão da UCPA em UCI contribuindo para um aumento significativo do número de camas de cuidados intensivos”*. Destacava também o artigo de consenso de três entidades representativas da anestesiologia portuguesa – SPA, CAR e Colégio de Especialidade – ambos são contributos de grande importância, que acrescentam ao nosso ainda parco saber sobre esta nova doença, e contribuem para que nos possamos organizar de forma a darmos a melhor resposta possível ao desafio que todos os dias nos é colocado. Também o trabalho efectuado pelos colegas da UCPA do Centro Hospitalar Universitário São João, em conjunto com os colegas da UCI do Centro Hospitalar Universitário do Algarve, intitulado *“Pandemia COVID-19 e o doente crítico – experiência de tratamento de doentes numa UCPA convertida em UCI versus doentes tratados numa UCI”*, e salientar a principal conclusão do estudo, que vem na esteira do que anteriormente defendia *“A constituição de equipas mistas, quanto à experiência prévia quer quanto à formação basilar, e desde que devidamente enquadradas em equipas com profissionais com experiência na gestão de doentes críticos, afigura-se como uma alternativa viável na abordagem destes doentes em tempos de pandemia”*.

O artigo de Perspectiva dos nossos colegas Graça Mesquita e José Luís Ferreira, que nos traz a sua inquietação com o presente e o futuro da Anestesiologia, comentados por outros colegas com iguais responsabilidades – temos esperança de que este possa vir a ser o início de várias rubricas, onde a comunidade de anestesiólogos portugueses troca ideias e preocupações de forma aberta, transparente e livre, podendo assim servir para a evolução positiva que todos almejamos. Uma palavra de atenção para a rubrica da Perspectiva – Ética, que nos traz as preocupações sobre a pandemia visto do ângulo da ética, área do saber vital para nortear as nossas opções e as nossas decisões, enquanto médicos e cidadãos, e nos ajuda a estruturar o nosso pensamento crítico.

Neste final de Junho 2020, paira sobre nós a ameaça de uma nova “onda” com o recrudescimento de casos – mais uma vez, temos a esperança de poder estar à altura do desafio: o SNS como um todo, onde estão incluídos todos os seus profissionais, e a população em geral, esperam que os seus decisores políticos possam estar à altura do desafio que uma pandemia coloca a todos nós.

Termino com um agradecimento sincero e profundo a todos os anestesiólogos, intensivistas, e a todos os médicos e restantes profissionais de saúde deste país, e também aos seus familiares, que partilham a sua angústia e o seu medo diário – obrigada pelo exemplo que deram e continuam a dar, o vosso contributo faz de Portugal o país que hoje somos e um lugar melhor, e enche de sentido a palavra humanidade.

Bem hajam!



(Cristina Granja, Editora Chefe da Revista da Sociedade Portuguesa de Anestesiologia)

Autor:

Cristina Granja – Serviço de Anestesiologia, Centro Hospitalar Universitário São João, Departamento de Cirurgia e Fisiologia, Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Referências:

1. European Board of Anaesthesiology. European Board of Anaesthesiology thanks [consultado Jun 2020] Disponível: https://www.esahq.org/uploads/2020/06/eba-thanks_signed.pdf